



**TRANSFORMAÇÃO AGROINDUSTRIAL DAS EXPORTAÇÕES DOS
AGRONEGÓCIOS SEGUNDO OS GRUPOS DE CADEIAS DE PRODUÇÃO,
BRASIL 1997-2004**

JOSÉ SIDNEI GONÇALVES CPF 890.184.438-91

Engenheiro Agrônomo, Doutor, Pesquisador Científico do Instituto de Economia Agrícola (IEA) da Agência Paulista de Tecnologia dos Agronegócios (APTA) da Secretaria de Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo. Endereço p/ correspondência: Av. Miguel Stéfano, 3.900 – Cep. 04301-903 - São Paulo, SP (e-mail: sydy@iea.sp.gov.br).

SUELI ALVES MOREIRA SOUZA CPF 32.678.338-50

Economista, Pesquisadora Científica do Instituto de Economia Agrícola (IEA) da Agência Paulista de Tecnologia dos Agronegócios (APTA) da Secretaria de Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo. Endereço p/ correspondência: Av. Miguel Stéfano, 3.900 – Cep. 04301-903 - São Paulo, SP (e-mail: sueli@iea.sp.gov.br).

JOSÉ ROBERTO VICENTE CPF 781.815.938-04

Engenheiro Agrônomo, Doutor, Pesquisador Científico do Instituto de Economia Agrícola (IEA), Assistente Técnico de Direção da Agência Paulista de Tecnologia dos Agronegócios (APTA) da Secretaria de Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo. Endereço p/ correspondência: Av. Miguel Stéfano, 3.900 – Cep. 04301-903 - São Paulo, SP (e-mail: jrvicente@iea.sp.gov.br).

**Área Temática 3: Comércio Internacional
Apresentação em Sessão sem Debatedor**

TRANSFORMAÇÃO AGROINDUSTRIAL DAS EXPORTAÇÕES DOS AGRONEGÓCIOS SEGUNDO OS GRUPOS DE CADEIAS DE PRODUÇÃO, BRASIL 1997-2004

Resumo

O trabalho analisa as exportações da agricultura brasileira no período 1997-2004 da ótica da agregação de valor pelo incremento da transformação agroindustrial, fazendo contraponto ao argumento de que em tais vendas externas prevaleceriam produtos de baixo conteúdo tecnológico. É necessária a distinção entre conteúdo tecnológico e transformação agroindustrial na visualização do desempenho da agricultura. Nos cereais, leguminosas e oleaginosas, no que se destaca a soja, verifica-se a preponderância dos produtos básicos de baixo valor unitário. Em contraponto, veja-se o exemplo das frutas frescas, em que nem mesmo se aplica o conceito de manufatura, com produtos básicos com elevada diferenciação pela qualidade e alto valor unitário. Ambos os grupos de cadeias de produção representam exportações de produtos básicos da ótica da manufatura, mas com distinção da concepção de agregação de valor. Em síntese, numa agricultura em que a intensidade das inovações tecnológicas nos processos de produção para exportação mostra-se elevada, há ainda muito espaço a ser percorrido na agregação de valor pela transformação agroindustrial, mas com o cuidado com as especificidades pois nem sempre significa submeter os produtos à manufatura.

PALAVRAS CHAVES: Comércio exterior, cadeias de produção, agregação de valor

TRANSFORMAÇÃO AGROINDUSTRIAL DAS EXPORTAÇÕES DOS AGRONEGÓCIOS SEGUNDO OS GRUPOS DE CADEIAS DE PRODUÇÃO, BRASIL 1997-2004

1. INTRODUÇÃO

O Brasil na sua trajetória histórica desde o período colonial caracteriza sua inserção no comércio exterior como exportador de produtos primários. Os ciclos econômicos brasileiros, quase sempre vinculados à sua agricultura, inicia-se com uma colonização focada na produção de produto de grande demanda no mercado internacional, o açúcar, o qual ainda que provenha necessariamente de uma agroindústria, era vendido na sua forma de transformação menos elaborada. Num saltar de século, quando se observa o ciclo cafeeiro no final do século XIX em diante, verifica-se similar característica de exportações de produto primário indiferenciado (FURTADO, 1989). Em função dessa sua trajetória no mercado internacional o Brasil tem associada a essa sua participação a imagem de nação primário-exportadora.

No decorrer do século XX, o Brasil experimentou importantes processos de transformações estruturais de sua economia, ensejando uma crescente industrialização, tanto assim que no primeiro quartel do século, havia completado a internalização do padrão da 1ª Revolução Industrial e, nos final dos anos 1970, estava inserido na dinâmica econômica brasileira o padrão da denominada 2ª Revolução Industrial (CANO, 1993). Ainda que enquanto capitalismo tardio esses movimentos aqui foram concretizados com em torno de um século de atraso em relação aos processos originais das nações pioneiras, respectivamente a Inglaterra e os Estados Unidos da América, essas mudanças alteraram de forma decisiva a dinâmica econômica. Na agricultura essa realidade está presente de forma ampla, tendo em vista que industrialização em países de economias continentais como a brasileira corresponde a processos de agroindustrialização, na medida em que essas indústrias tem como característica a irradiação de fábricas pelo espaço territorial ocupado com lavouras e criações.

Essa transformação da estrutura produtiva reflete-se não apenas na produção em si, mas também no próprio desempenho das exportações brasileiras. De um lado há uma diversificação da pauta fugindo do estigma de ancorar-se praticamente num único primário, de outro há incremento da transformação agroindustrial agregando valor à matéria prima agropecuária. Nesse contexto, o presente trabalho objetiva verificar o avanço da transformação agroindustrial na pauta de exportações brasileiras enfocando grupos de cadeias de produção no período 1997-2004. Para tanto, num primeiro momento buscará diferenciar agregação de valor, por incremento da transformação de produtos na incorporação de utilidade de forma e conteúdo aos produtos exportados, de idéia de conteúdo tecnológico como elemento de agregação de valor, o que tem resultado em equívocos em algumas abordagens sobre a exportação brasileira.

2. PROCEDIMENTOS DO LEVANTAMENTO E TRATAMENTO DOS DADOS

A análise tem como base informações trabalhadas a partir de dados primários de exportações e importações, os valores mensais por mercadoria, obtidos via acesso eletrônico junto à Secretaria de Comércio Exterior do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio (SECEX/MDIC), abrangendo o período 1997-2004.

Utilizando-se das cotações diárias do câmbio flutuante divulgadas pelo Banco Central do Brasil, calcularam-se as médias diárias entre as cotações para compra e venda, que serviram de base para o cálculo da média mensal. Multiplicando-se as cotações médias mensais do câmbio pelo valor mensal das mercadorias tanto nas exportações como nas importações, obtiveram-se os respectivos valores expressos em moeda brasileira.

Esses valores nominais de exportações e de importações expressos em moeda brasileira foram deflacionados com uso do Índice Nacional de Preços ao Consumidor Ampliado (IPCA) da Fundação Instituto de Geografia e Estatística (IBGE) para que refletirem valores constantes de dezembro de 2004.

As bases de dados foram processadas com uso do Statistical Analysis System (SAS) obteve-se para período 1997-2004, os valores das importações, das exportações e dos saldos comerciais para os grupos de cadeias de produção, expressos tanto em moeda norte-americana como em moeda brasileira a preços constantes de dezembro de 2004.

Os grupos de cadeias de produção são aqueles definidos por VICENTE et al. (2001), com a diferença que para efeito deste trabalho agregaram-se os valores do grupo flores e plantas ornamentais ao grupo nichos de mercado vegetais. A classificação quanto ao grau de processamento agroindustrial realizado (básico, semimanufaturado e manufaturado) também segue os critérios estabelecidos no texto supracitado.

3. NECESSÁRIA DISTINÇÃO ENTRE TRANSFORMAÇÃO AGROINDUSTRIAL E CONTEÚDO TECNOLÓGICO NAS ANÁLISES DA AGREGAÇÃO DE VALOR NAS EXPORTAÇÕES DA AGRICULTURA BRASILEIRA

Na agricultura brasileira, foram particularmente relevante as transformações concomitantes e datadas no seu apogeu dos anos 70 do século passado, quando convergiram intenso processo de agroindustrialização, tanto na produção de insumos e máquinas (KAGEYAMA, 1990) como no processamento de produtos agropecuários (BELIK, 1994), associados à modernização agropecuária com intensa mudança na base técnica (GONÇALVES, 1999) e, fechando o processo, a profunda transformação da estrutura de mercado com reflexos nos processos de formação de preços, representada pela emergência dos supermercados (CYRILLO, 1986). Exatamente essas transformações mudam de forma decisiva as dinâmicas das economias nas quais são realizadas (RANGEL, 1954), estando no cerne da explicação do desempenho econômico da agricultura brasileira no período posterior à virada dos anos 1980, onde a despeito da desmontagem do aparato de políticas públicas centradas no crédito subsidiado, a agricultura vem apresentando performances superiores à da média da economia em termos de crescimento econômico.

A agricultura brasileira, portanto, sofreu intenso processo de transformação rompendo com a característica de produtora de produtos primários tal como se caracterizou seu curso histórico, sendo que até a virada dos anos 1970 tinha no café em grão seu principal produto da pauta de exportações (GONÇALVES, 1999). A presença da agricultura, tomada no conceito complexo de agronegócios formado de inúmeras cadeias de produção de dimensão verticalizada da roça à mesa (*farm to table*), configura-a como o mais importante setor econômico, tanto na formação do produto nacional como no comércio exterior. Na inserção internacional brasileira sua presença preponderante permanece inequívoca e decorre do elevado padrão de competitividade. Nesse sentido, suas atividades vem sendo marcadas por consistente processo de geração e internalização de inovações tecnológicas que impulsionam a produtividade total dos fatores (GASQUES et al 2004), como fruto de mais de um século de esforço de pesquisa brasileira gerando uma base tecnológica diferenciada no contexto mundial em termos de agricultura tropical (GONÇALVES, 2002).

Entretanto inúmeras análises do perfil das exportações brasileiras as tem caracterizado como refletindo uma realidade de baixo conteúdo tecnológico. Como exemplo dentre muitos, estudo recente do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) conclui que “*o Brasil é um país muito competitivo, no comércio internacional, em produtos intensivos em trabalho e em recursos naturais, bem como em commodities. De fato, foram esses os produtos que mais impulsionaram o expressivo aumento das exportações brasileiras nos últimos anos. Dado que o comércio mundial tem se tornado cada vez mais, concentrado em produtos de maior*

conteúdo tecnológico, a pauta de exportações brasileiras continua muito afastada do padrão mundial e menos dinâmica que ele. Além disso, existe uma assimetria, derivada da própria especialização brasileira em produtos de menor conteúdo tecnológico, entre a pauta de exportações do país e sua pauta de importações, muito mais intensiva em tecnologia” (DE NEGRI, 2005)

Esse perfil de baixo conteúdo tecnológico não corresponde, ao menos no conjunto do complexo produtivo, ao verificável na agricultura brasileira. Essa assertiva tem reflexos na análise das exportações brasileiras totais face à participação da agricultura nessas vendas externas, uma vez que *“os agronegócios consolidam a posição de mais importante segmento exportador da economia brasileira, apresentando **superávits** em todos os anos do período 1997-2004, gerando saldos setoriais de US\$ 31,3 bilhões em 2004 – 2,9 vezes o alcançado em 1998- que foi de US\$ 10,8 bilhões” (SOUZA, GONÇALVES, & VICENTE, 2005)*. Em termos de conteúdo tecnológico, a agricultura brasileira configura uma realidade de liderança em tecnologias da agricultura tropical, sendo que desde a primeira super-safra de grãos no final dos anos 1980 até o momento, a área agrícola tem crescido substancialmente menos que a produção, logo tem se intensificado o conteúdo tecnológico da produção e, conseqüentemente, das exportações para o que se orientam as lavouras e as criações mais dinâmicas. Outro estudo do IPEA que analisou a expansão da área cultivada dentro da área agrícola, mostra que *“essa explosão da área cultivada poderia sugerir que a agricultura tivesse voltado a crescer como antigamente via ‘extensiva’ (no sentido ricardiano). Entretanto, como o trabalho procurou sugerir, essa expansão de área cultivada muito provavelmente, no âmbito ainda de uma vasta ‘fronteira interna’, formada por um estoque de áreas de pastagens ‘degradadas’” (BRANDÃO, REZENDE & MARQUES, 2005)*. Assim, mais que a intensificação do uso de recursos naturais como base da expansão das exportações, há notória intensificação do uso do solo pelos incrementos substantivos da produtividade da terra com inovações tecnológicas que têm sustentado o crescimento vertical da agricultura de exportação brasileira.

Na questão da exportação intensiva em trabalho, também esse conteúdo não pode ser associado à realidade da agricultura brasileira. Não apenas há uma mudança expressiva nas relações de trabalho com mudança de paradigma, como há redução do emprego agropecuário, afastando a possibilidade de reprodução com base na exploração intensiva em trabalho. Isso também resulta em aprofundamento da inovação tecnológica, uma vez que *“na década de 90 ocorreram mudanças nos ambientes institucional e competitivo em que se inserem a agropecuária brasileira. Nesse contexto, intensificou-se a introdução das chamadas tecnologias poupadoras de mão-de-obra na agropecuária, em especial nas atividades que eram consideradas, até então, como de caráter exclusivamente humano.” (STADUTO, SHIKIDA & BACHA, 2004)*. Esse processo de inovação com tecnologia mecânica levou à intensificação do trabalho, sendo que *“no último período analisado (1985 a 1995/96), a participação dos trabalhadores temporários decresceu em função da substituição da mão de obra usada em algumas fases do processo produtivo, que até então eram mecanizadas” (STADUTO, SHIKIDA & BACHA, 2004)*. Esse fato impacta diretamente o emprego na agropecuária, uma vez que se constata que *“a pluriatividade, como base do desenvolvimento rural não foi suficiente para deter a queda da população rural e das ocupações agrícolas na década de 1992-2002 no Brasil. A redução da população economicamente ativa na agricultura foi mais forte que a redução da PEA rural” (KAGEYAMA, 2004)*.

Fruto desse intenso processo de inovação tecnológica que vem incrementando as produtividades da terra e do trabalho em níveis significativos, outro estudo do IPEA mostra que *“o crescimento da produtividade da agricultura brasileira tem sido superior ao da produtividade estadunidense... Os índices de produtividade total nos Estados Unidos no período de 1990 a 1999, os quais resultam em uma taxa média anual de 1,57% , abaixo da*

taxa média brasileira nos últimos anos de 3,30%” (GASQUES et al, 2004). Dada a participação relativa da agricultura nas exportações brasileira e conhecido seu dinamismo pela intensidade da inovação tecnológica nos processos produtivos, num setor com produtividade total dos fatores crescentes, não há como caracterizar suas vendas externas como de baixo conteúdo tecnológico.

A questão do conteúdo das exportações brasileiras, em particular da sua agricultura, nesses casos está sendo tratada sob ótica viesada. Não se trata de conteúdo tecnológico na acepção de desenvolvimento industrial, uma vez que tal conceito que conduz à diferenciação de produtos pela inovação não pode ser aplicado sem ressalvas à análise de desempenhos econômicos e das exportações de nações de economias continentais como a brasileira, onde a agricultura representa o principal setor do produto nacional, das exportações e em termos de representatividade espacial. Na agricultura, e em países em que ela se mostra relevante, quase sempre nesses casos ocorre a confusão entre agregação de valor pela transformação agroindustrial e agregação de valor por tecnologia de diferenciação de produtos. Na agricultura brasileira isso pode ser constatado de forma contundente, uma vez que sendo inequívoco o elevado conteúdo tecnológico dos produtos exportados pelos agronegócios tal como empiricamente comprovado em inúmeros estudos, o mesmo não se aplica à transformação agroindustrial que certamente tem um potencial de agregação de valor substantivamente maior que o incorporado nos produtos brasileiros exportados pela agricultura. Uma visão objetiva disso pode ser verificada comparando o desempenho das exportações da mais industrializada unidade da federação, o Estado de São Paulo, com as exportações totais brasileiras.

No caso do Brasil como um todo, *“quanto ao perfil do comércio exterior dos agronegócios, para as exportações no período 1997-2004, verifica-se que os produtos básicos tiveram crescimento maior (+80,4%) que os semimanufaturados (+ 68,3%) e os manufaturados (+49,0%). ... Em 2004, cresce o saldo comercial advindo dos produtos básicos, que responderam por 56,5% das divisas líquidas obtidas pelos agronegócios, superando os manufaturados (25,8%) e os semimanufaturados (17,7%). Em outras palavras, na realidade das exportações dos agronegócios brasileiros como um todo, prevalece a venda de produtos com reduzida agregação de valor”* (SOUZA, GONÇALVES, & VICENTE, 2005). Esse conteúdo difere de forma radical do encontrado para o Estado de São Paulo, onde *“no período 1999-2004 houve sensível mudança no perfil das exportações dos agronegócios paulistas com a maior proporção dos manufaturados. As vendas externas desses produtos que eram de US\$ 1,8 bilhão em 1999 e representavam 28,2% do total setorial, tiveram crescimento de 218,1%, somando US\$ 5,6 bilhões em 2004 e atingindo 52,2% das exportações setoriais. Tanto as vendas de produtos básicos como de semimanufaturados apresentaram tendência irregular no período 1999-2004, conquanto tenham crescido 144,1% no quadriênio 2001-2004 no caso dos produtos básicos e 147,7% no triênio 2002-2004 para os semimanufaturados. De qualquer maneira, verifica-se o avanço qualitativo das exportações dos agronegócios paulistas no período 1999-2004, diferenciando-se de forma consistente do conjunto dos agronegócios brasileiros, centrados na prevalência dos produtos básicos e, por isso mesmo, gerando menos renda agregada e empregos internos”* (GONÇALVES, VICENTE, & SOUZA, 2005).

4. EVOLUÇÃO DAS TRANSFORMAÇÕES AGROINDÚSTRIAS NAS EXPORTAÇÕES DOS AGRONEGÓCIOS NO PERÍODO 1997-2004 SEGUNDO OS GRUPOS DE CADEIAS DE PRODUÇÃO

A análise mais aprofundada do perfil das exportações dos agronegócios brasileiros permite visualizar o pequeno efeito multiplicador pela agregação de valor sob a ótica das

transformações agroindustriais, notadamente com base em dados desagregados para os principais grupos de cadeias de produção, verificando-se uma enorme distinção entre elas. Essas diferenças refletem mais que uma reduzida transformação agroindustrial da matéria prima agropecuária, bem como em função das estruturas de mercado, uma grande diferença de conteúdo entre os vários grupos de cadeias. Colocando em destaque a evolução dos valores exportados por grupo de cadeia de produção para o período 1997-2004, discriminando-os segundo os níveis da manufatura aplicada sobre cada um deles para exportação (produtos básicos, semimanufaturados e manufaturados), fica evidente a constatação empírica de que prevalecem cadeias de produção centradas nas vendas externas de produtos básicos. Mas ainda assim, na agricultura é preciso qualificar essa classificação de produto básico em termos de valor agregado em função das especificidades das cadeias de produção.

O principal grupo de cadeias de produção das exportações dos agronegócios brasileiros realmente consiste em **commodities**, tratando-se dos cereais, leguminosas e oleaginosas, com destaque nessa composição para os produtos do complexo soja. As exportações de cereais, leguminosas e oleaginosas evoluíram 83,0% em moeda norte-americana (207,5% em moeda brasileira), saindo de US\$ 6,12 bilhões (R\$ 11,23 bilhões) em 1997 para US\$ 11,21 bilhões (R\$ 34,54 bilhões) em 2004. Essa expansão deriva fundamentalmente das vendas externas de produtos básicos que cresceram 79,0% em moeda norte-americana (200,9% em moeda brasileira), indo de US\$ 5,33 bilhões (R\$ 9,78 bilhões) em 1997 para US\$ 9,54 bilhões (R\$ 29,44 bilhões) em 2004 (**Tabela 1**). Nesse grupo de cadeias, os demais níveis de transformação tem pequena representatividade não alterando, mesmo com crescimentos superiores, a ampla posição majoritária dos produtos básicos. As vendas dos semimanufaturados tiveram de aumento de 97,5% em moeda norte-americana (230,9% em moeda brasileira), saltando de US\$ 626,11 milhões (R\$ 1,15 bilhão) em 1997 para US\$ 1,24 bilhão (R\$ 3,80 bilhões) em 2004 (**Tabela 2**). Nos manufaturados de cereais, leguminosas e oleaginosas ocorre situação similar, de incremento de 164,7 % em moeda norte-americana e de 331,6% em moeda brasileira, na medida em que os valores das exportações saíram de US\$ 163,22 milhões (R\$ 300,99 milhões) em 1997 para US\$ 432,04 milhões (R\$ 1,30 bilhão) em 2004 (**Tabela 3**). A representatividade dos produtos básicos que era de 87,1% dos valores totais das exportações desse grupo de cadeias em 1997, alcançou 85,1% em 2004 (**Tabela 4**).

Esse desempenho mostra a supremacia das vendas externas dos cereais, leguminosas e oleaginosas na forma de *commodities* como a soja, exatamente o produto onde a magnitude das inovações tecnológicas permitiram superar os limites do fotoperíodo que a circunscrevia aos arredores do Chuí, para avançar com produtividade crescente no sentido do Oiapoque. A questão está na venda com reduzida agregação de valor na forma de produto básico. Na verdade, no caso dos cereais, leguminosas e oleaginosas, além do amplo espaço para a transformação agroindustrial na forma da agroindústria de produtos derivados de soja, o caminho mais relevante para impulsionar o grau de transformação agroindustrial está nas cadeias de produção de proteína-animal, em especial nos produtos denominados granjeiros, representados pelas cadeias de produção de suínos e aves, as quais em última instância representam agregação de valor ao farelo de soja, componente relevante das rações animais. Ressalve-se nesse caso que, tanto as vendas de soja em grão como de farelo de soja, ganham impulso com os problemas sanitários vividos nas criações estabuladas dos países desenvolvidos, com animais antes alimentados com reaproveitamento de proteínas animais.

Tabela 1.- Exportações de Produtos Básicos dos Grupos de Cadeias de Produção dos Agronegócios, Brasil, 1997-2004

Grupos de Cadeias	Moeda	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004
Têxteis Vegetais	US\$ 1000	2.032	5.931	8.828	44.445	172.950	110.668	216.851	440.042
	R\$ 1000 ⁽¹⁾	3.759	11.460	25.649	121.435	583.112	370.384	707.719	1.298.760
Têxteis Animais	US\$ 1000	14.937	14.897	4.932	2.905	6.919	7.541	8.232	6.855
	R\$ 1000 ⁽¹⁾	27.462	28.402	13.983	7.807	21.596	25.389	29.025	20.386
Pecuária Bovídea	US\$ 1000	246.800	333.352	502.049	563.508	807.367	854.895	1.257.450	2.106.006
	R\$ 1000 ⁽¹⁾	455.787	636.750	1.437.286	1.510.261	2.652.468	2.810.697	4.227.056	6.373.758
Pescado	US\$ 1000	113.778	107.920	128.389	229.069	272.839	336.307	414.782	419.048
	R\$ 1000 ⁽¹⁾	209.804	205.974	365.543	614.638	886.375	1.101.871	1.389.626	1.271.955
Café e Estimulantes	US\$ 1000	2.797.943	2.385.347	2.273.428	1.599.286	1.250.565	1.234.984	1.340.496	1.784.595
	R\$ 1000 ⁽¹⁾	5.162.740	4.559.866	6.497.766	4.289.833	4.049.377	4.077.361	4.553.383	5.364.523
Cana e Sacarídeas	US\$ 1000	7	0	30	0	135	62	61	40
	R\$ 1000 ⁽¹⁾	13	0	88	0	437	201	228	127
Frutas Processadas	US\$ 1000	547	268	225	261	160	240	227	468
	R\$ 1000 ⁽¹⁾	1.003	515	633	702	501	784	752	1.418
Frutas Frescas	US\$ 1000	293.545	283.769	317.294	364.381	339.693	362.477	496.342	584.390
	R\$ 1000 ⁽¹⁾	542.990	543.005	909.321	977.713	1.109.983	1.202.335	1.656.465	1.755.457
Olerícolas	US\$ 1000	73.399	100.119	121.866	95.675	84.231	77.200	76.286	83.027
	R\$ 1000 ⁽¹⁾	136.368	190.997	353.786	257.495	280.592	260.235	252.355	247.904
Cereais, Leg. e Oleaginosas	US\$ 1000	5.331.476	3.977.615	3.189.675	3.899.111	5.378.222	5.531.402	7.329.517	9.541.399
	R\$ 1000 ⁽¹⁾	9.783.905	7.558.930	8.996.633	10.411.136	17.624.831	18.415.052	24.219.902	29.444.835
Produtos Florestais	US\$ 1000	36.710	46.747	24.455	29.922	19.996	25.470	8.484	13.586
	R\$ 1000 ⁽¹⁾	67.689	89.033	69.683	79.911	65.709	83.201	29.017	41.282
Suínos e Aves	US\$ 1000	1.088.594	958.084	1.055.737	1.051.587	1.773.068	1.934.348	2.430.210	3.507.419
	R\$ 1000 ⁽¹⁾	2.008.024	1.829.181	3.014.492	2.820.134	5.756.872	6.379.883	8.148.294	10.616.119
Fumo	US\$ 1000	1.091.394	939.891	892.687	812.921	921.135	977.670	1.052.465	1.380.461
	R\$ 1000 ⁽¹⁾	2.009.732	1.789.718	2.548.936	2.179.182	3.023.073	3.161.758	3.472.322	4.186.449
Nichos de Mercado Animais	US\$ 1000	59.665	62.254	66.504	76.267	94.161	109.698	156.834	185.740
	R\$ 1000 ⁽¹⁾	110.117	118.853	190.105	204.781	302.502	359.945	529.623	562.584
Nichos de Mercado Vegetais	US\$ 1000	47.006	53.783	42.429	36.993	57.511	128.324	130.005	144.175
	R\$ 1000 ⁽¹⁾	86.662	102.527	121.262	98.955	184.542	425.124	433.779	434.097
Bens de Capital e Insumos	US\$ 1000	228	381	340	646	435	627	1.435	1.817
	R\$ 1000 ⁽¹⁾	431	720	984	1.725	1.443	2.115	4.653	5.462

(1) em valores constantes de dezembro de 2004, deflacionados pelo IPCA do IBGE.

Fonte: Elaborada pelo Instituto de Economia Agrícola, a partir de dados básicos da SECEX/MDIC.

Tabela 2.- Exportações de Semimanufaturados dos Grupos de Cadeias de Produção dos Agronegócios, Brasil, 1997-2004

Grupos de Cadeias	Moeda	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004
Têxteis Vegetais	US\$ 1000	370	114	66	123	805	62	62	134
	R\$ 1000 ⁽¹⁾	677	215	187	327	2.717	210	200	417
Têxteis Animais	US\$ 1000	16.808	12.452	10.264	13.403	13.571	13.178	14.710	9.938
	R\$ 1000 ⁽¹⁾	31.007	23.756	29.306	36.093	43.897	43.240	50.770	30.302
Pecuária Bovídea	US\$ 1000	708.891	643.292	582.978	745.311	858.932	926.493	1.035.828	1.240.600
	R\$ 1000 ⁽¹⁾	1.308.115	1.226.387	1.665.423	2.002.461	2.768.749	3.046.736	3.508.414	3.761.243
Pescado	US\$ 1000	41	8	1	4	0	0	0	7
	R\$ 1000 ⁽¹⁾	75	16	3	10	1	1	0	21
Café e Estimulantes	US\$ 1000	119.030	143.163	102.655	99.022	90.387	132.391	213.526	195.689
	R\$ 1000 ⁽¹⁾	219.697	273.146	293.602	264.826	291.216	439.984	722.024	590.879
Cana e Sacarídeas	US\$ 1000	1.045.395	1.096.114	1.162.306	761.712	1.400.827	1.111.343	1.350.039	1.510.982
	R\$ 1000 ⁽¹⁾	1.940.897	2.095.173	3.310.669	2.056.647	4.607.271	3.739.830	4.502.815	4.530.051
Frutas Processadas	US\$ 1000	6.921	8.993	6.453	4.540	6.607	6.466	7.747	7.230
	R\$ 1000 ⁽¹⁾	12.779	17.327	18.013	12.294	21.005	21.149	26.344	21.842
Frutas Frescas	US\$ 1000	0	0	0	0	0	0	0	0
	R\$ 1000 ⁽¹⁾	0	0	0	0	0	0	0	0
Olerícolas	US\$ 1000	23	1.116	8.256	9.069	12.945	13.362	15.474	22.164
	R\$ 1000 ⁽¹⁾	42	2.159	23.839	24.370	41.704	43.812	52.191	66.399
Cereais, Leg. e Oleaginosas	US\$ 1000	626.111	808.988	620.022	361.813	471.891	723.879	1.093.149	1.236.864
	R\$ 1000 ⁽¹⁾	1.148.697	1.544.458	1.756.348	970.724	1.541.777	2.462.969	3.648.650	3.801.363
Produtos Florestais	US\$ 1000	1.584.961	1.599.600	1.849.142	2.223.425	1.864.678	1.831.899	2.494.920	2.702.773
	R\$ 1000 ⁽¹⁾	2.926.393	3.052.307	5.275.289	5.955.823	5.930.206	5.993.712	8.466.876	8.178.883
Suínos e Aves	US\$ 1000	1.741	1.625	1.616	910	547	198	413	1.676
	R\$ 1000 ⁽¹⁾	3.223	3.100	4.481	2.433	1.727	674	1.383	5.139
Fumo	US\$ 1000	0	0	0	0	0	0	0	0
	R\$ 1000 ⁽¹⁾	0	0	0	0	0	0	0	0
Nichos de Mercado Animais	US\$ 1000	29.253	20.900	16.404	20.002	20.366	36.617	29.698	61.948
	R\$ 1000 ⁽¹⁾	53.859	39.743	47.123	53.566	65.810	118.325	99.823	185.321
Nichos de Mercado Vegetais	US\$ 1000	49.648	50.790	50.157	43.556	42.334	46.161	54.706	62.997
	R\$ 1000 ⁽¹⁾	91.656	96.999	142.772	116.902	136.319	150.344	186.949	191.087
Bens de Capital e Insumos	US\$ 1000	1.559	844	313	347	414	588	1.065	1.894
	R\$ 1000 ⁽¹⁾	2.916	1.636	919	932	1.370	1.980	3.518	5.731

(1) em valores constantes de dezembro de 2004, deflacionados pelo IPCA do IBGE.

Fonte: Elaborada pelo Instituto de Economia Agrícola, a partir de dados básicos da SECEX/MDIC.

Tabela 3.- Exportações de Manufaturados dos Grupos de Cadeias de Produção dos Agronegócios, Brasil, 1997-2004

Grupos de Cadeias	Moeda	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004
Têxteis Vegetais	US\$ 1000	911.106	797.741	728.297	880.723	878.769	810.773	1.075.398	1.183.211
	R\$ 1000 ⁽¹⁾	1.681.951	1.520.955	2.082.604	2.361.356	2.829.071	2.642.922	3.636.795	3.579.548
Têxteis Animais	US\$ 1000	112.253	88.630	73.948	71.221	60.311	50.822	50.197	62.911
	R\$ 1000 ⁽¹⁾	206.818	168.934	210.955	190.824	192.804	165.136	169.572	190.723
Pecuária Bovídea	US\$ 1000	1.708.037	1.575.561	1.563.084	1.720.346	1.781.526	1.764.687	1.845.063	2.240.757
	R\$ 1000 ⁽¹⁾	3.147.626	3.008.060	4.453.503	4.612.989	5.740.340	5.738.919	6.256.554	6.770.105
Pescado	US\$ 1000	16.116	18.239	12.652	11.977	13.855	9.833	7.407	11.142
	R\$ 1000 ⁽¹⁾	29.744	34.807	35.984	32.021	44.172	32.099	25.680	33.527
Café e Estimulantes	US\$ 1000	444.881	327.021	282.658	286.787	289.417	251.745	336.409	422.156
	R\$ 1000 ⁽¹⁾	821.892	623.553	809.671	770.234	932.969	826.552	1.127.102	1.278.457
Cana e Sacarídeas	US\$ 1000	793.683	893.463	825.504	485.630	984.679	1.175.032	975.766	1.652.121
	R\$ 1000 ⁽¹⁾	1.472.114	1.707.375	2.364.766	1.302.733	3.291.281	3.880.123	3.238.422	5.001.007
Frutas Processadas	US\$ 1000	1.124.766	1.350.833	1.336.197	1.137.528	928.736	1.157.616	1.338.322	1.227.878
	R\$ 1000 ⁽¹⁾	2.079.705	2.585.674	3.803.445	3.044.180	2.996.252	3.814.364	4.531.426	3.708.270
Frutas Frescas	US\$ 1000	0	0	0	0	0	0	0	0
	R\$ 1000 ⁽¹⁾	0	0	0	0	0	0	0	0
Olerícolas	US\$ 1000	27.132	24.779	22.633	25.931	29.320	22.725	20.266	23.971
	R\$ 1000 ⁽¹⁾	50.058	47.329	65.052	69.671	94.609	73.953	68.118	72.434
Cereais, Leg. e Oleaginosas	US\$ 1000	163.217	208.572	225.145	176.396	220.295	226.594	335.545	432.036
	R\$ 1000 ⁽¹⁾	300.990	398.400	644.091	474.359	719.525	761.603	1.135.425	1.298.974
Produtos Florestais	US\$ 1000	2.136.678	1.952.168	2.214.905	2.373.634	2.360.973	2.583.262	3.156.600	4.254.827
	R\$ 1000 ⁽¹⁾	3.942.510	3.724.583	6.320.148	6.365.647	7.615.592	8.444.567	10.636.051	12.885.688
Suínos e Aves	US\$ 1000	20.368	26.662	29.488	35.789	59.936	62.942	95.679	111.370
	R\$ 1000 ⁽¹⁾	37.738	50.817	84.062	96.189	194.388	210.318	323.159	335.172
Fumo	US\$ 1000	573.412	619.098	68.550	28.553	23.181	30.499	37.794	45.302
	R\$ 1000 ⁽¹⁾	1.059.012	1.177.961	195.342	76.517	74.282	100.318	127.560	137.847
Nichos de Mercado Animais	US\$ 1000	114.333	121.801	134.602	128.407	124.391	139.603	144.097	181.855
	R\$ 1000 ⁽¹⁾	211.001	232.635	383.393	344.448	401.473	455.590	488.973	548.943
Nichos de Mercado Vegetais	US\$ 1000	308.337	306.428	348.756	551.360	489.817	362.104	427.133	486.306
	R\$ 1000 ⁽¹⁾	569.531	585.429	1.001.971	1.480.370	1.564.178	1.186.119	1.437.113	1.466.672
Bens de Capital e Insumos	US\$ 1000	1.090.731	1.049.182	727.482	731.304	772.249	852.105	1.312.248	1.918.819
	R\$ 1000 ⁽¹⁾	2.015.893	2.006.424	2.087.940	1.962.905	2.498.034	2.810.967	4.384.504	5.790.339

(1) em valores constantes de dezembro de 2004, deflacionados pelo IPCA do IBGE.

Fonte: Elaborada pelo Instituto de Economia Agrícola, a partir de dados básicos da SECEX/MDIC.

Tabela 4.- Composição das Exportações dos Grupos de Cadeias de Produção dos Agronegócios, Brasil, 1997-2004

Grupos de Cadeias	Moeda	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004
Têxteis Vegetais	B/T ⁽¹⁾	0,22	0,74	1,20	4,80	16,43	12,01	16,78	27,11
	M/T ⁽²⁾	99,74	99,25	98,79	95,18	83,49	87,98	83,22	72,89
Têxteis Animais	B/T ⁽¹⁾	10,37	12,84	5,53	3,32	8,56	10,54	11,26	8,60
	M/T ⁽²⁾	77,95	76,42	82,95	81,37	74,64	71,04	68,63	78,93
Pecuária Bovídea	B/T ⁽¹⁾	9,27	13,06	18,96	18,60	23,42	24,11	30,39	37,69
	M/T ⁽²⁾	64,12	61,73	59,03	56,79	51,67	49,76	44,58	40,10
Pescado	B/T ⁽¹⁾	87,57	85,54	91,03	95,03	95,17	97,16	98,25	97,41
	M/T ⁽²⁾	12,40	14,46	8,97	4,97	4,83	2,84	1,75	2,59
Café e Estimulantes	B/T ⁽¹⁾	83,23	83,53	85,51	80,56	76,70	76,28	70,91	74,28
	M/T ⁽²⁾	13,23	11,45	10,63	14,45	17,75	15,55	17,80	17,57
Cana e Sacarídeas	B/T ⁽¹⁾	0,00	0,00	0,00	0,00	0,01	0,00	0,00	0,00
	M/T ⁽²⁾	43,16	44,91	41,53	38,93	41,28	51,39	41,95	52,23
Frutas Processadas	B/T ⁽¹⁾	0,05	0,02	0,02	0,02	0,02	0,02	0,02	0,04
	M/T ⁽²⁾	99,34	99,32	99,50	99,58	99,28	99,42	99,41	99,38
Frutas Frescas	B/T ⁽¹⁾	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00
	M/T ⁽²⁾	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
Olerícolas	B/T ⁽¹⁾	72,99	79,45	79,78	73,22	66,59	68,15	68,10	64,28
	M/T ⁽²⁾	26,98	19,66	14,82	19,84	23,18	20,06	18,09	18,56
Cereais, Leg. e Oleaginosas	B/T ⁽¹⁾	87,10	79,63	79,05	87,87	88,60	85,34	83,69	85,11
	M/T ⁽²⁾	2,67	4,18	5,58	3,98	3,63	3,50	3,83	3,85
Produtos Florestais	B/T ⁽¹⁾	0,98	1,30	0,60	0,65	0,47	0,57	0,15	0,19
	M/T ⁽²⁾	56,85	54,25	54,17	51,30	55,61	58,17	55,77	61,03
Suínos e Aves	B/T ⁽¹⁾	98,01	97,13	97,14	95,35	96,70	96,84	96,20	96,88
	M/T ⁽²⁾	1,83	2,70	2,71	3,25	3,27	3,15	3,79	3,08
Fumo	B/T ⁽¹⁾	65,56	60,29	92,87	96,61	97,55	96,97	96,53	96,82
	M/T ⁽²⁾	34,44	39,71	7,13	3,39	2,45	3,03	3,47	3,18
Nichos de Mercado Animais	B/T ⁽¹⁾	29,36	30,37	30,58	33,95	39,41	38,37	47,44	43,24
	M/T ⁽²⁾	56,25	59,43	61,88	57,15	52,06	48,83	43,58	42,34
Nichos de Mercado Vegetais	B/T ⁽¹⁾	11,61	13,09	9,61	5,85	9,75	23,91	21,25	20,79
	M/T ⁽²⁾	76,13	74,56	79,02	87,25	83,07	67,48	69,81	70,13
Bens de Capital e Insumos	B/T ⁽¹⁾	0,02	0,04	0,05	0,09	0,06	0,07	0,11	0,09
	M/T ⁽²⁾	99,84	99,88	99,91	99,86	99,89	99,86	99,81	99,81

(1) % de produtos básicos sobre o total do grupo de cadeias.

(2) % de manufaturados sobre o total do grupo de cadeias.

Fonte: Elaborada pelo Instituto de Economia Agrícola, a partir de dados básicos da SECEX/MDIC.

O contraponto fundamental com a realidade do grupo de cadeias de produção de cereais, leguminosas e oleaginosas deve ser feito comprando-a com outra também intensiva em inovação, mas com características estruturais muito distintas, o de frutas frescas. O valor das exportações de frutas frescas brasileiras cresceram 99,1% em moeda norte-americana (+ 223,3% em moeda brasileira), indo de US\$ 293,54 milhões (R\$ 542,99 milhões) em 1997 para US\$ 584,39 milhões (R\$ 1,75 bilhão) em 2004. Trata-se nesse caso, de produtos básicos sob ótica da manufatura (**Tabelas 1 a 4**) por não comportarem transformação agroindustrial, mas com elevado valor unitário, pela diferenciação de qualidades intrínsecas e extrínsecas que agregam valor ao produto. A complexidade produtiva nas frutas frescas dos fruticultores profissionalização e considerável conhecimento especializado, dado que os cultivos exigem alta interação homem-planta-ambiente. Essas especificidades conformam na verdade dois modelos de lavouras, o modelo texano e modelo californiano. Interessante destacar nesse ponto para exemplificar, a cadeia de produção de sucos cítricos brasileira comparando-a em termos de produção e exportação com o desempenho da cadeia de citros de mesa espanhola. A agregação de valor nos citros é mais intensa no Brasil que exporta produtos semi-manufaturados e manufaturados, enquanto que a Espanha exporta produtos básicos. O Brasil colhe em torno de 18 milhões de toneladas de laranjas e exporta sucos cítricos obtendo pouco mais de US\$1,2 bilhão anuais. O maior exportador de produtos cítricos do mundo é a Espanha, que colhe em torno de 9 milhões de toneladas de citros de mesa e obtêm cerca de US\$2,4 bilhões em exportações (GONÇALVES, 2003). É inequívoca a superioridade das frutas frescas enquanto exportações de produtos de alto valor unitário, ainda que na forma de venda de produtos básicos.

Numa visão dos demais grupos de cadeias de produção dos agronegócios, revela-se interessante destacar ainda o caso dos têxteis vegetais, cujos valores das vendas externas de produtos básicos, principalmente na forma de algodão em pluma, evoluíram de US\$ 2,0 milhões (R\$ 3,7 milhões) em 1997 para US\$ 440,04 milhões (R\$ 1,30 bilhão) em 2004 (**Tabela 1**) e as de manufaturados de US\$ 911,11 milhões (R\$ 1,68 bilhão) para US\$ 1,18 bilhão (R\$ 3,58 bilhões) para os mesmos anos (**Tabela 3**). Com isso os produtos básicos que representavam 0,2% das exportações de têxteis vegetais em 1997, passaram a significar 27,1% em 2004. Nos manufaturados, verifica-se por conseqüência, queda da proporção de 99,7% das vendas externas de têxteis em 1997 para 72,7% em 2004 (**Tabela 4**). Entretanto, ainda que tenha ocorrido essa redução da proporção de produtos de maior valor agregado, no conjunto dos têxteis vegetais essa evolução mostrou-se fundamental para que esse grupo de cadeias de produção passasse da situação de balança comercial com saldos negativos para saldos positivos no período 1997-2004. Ademais, é inequívoco o avanço da agroindústria brasileira de confecções e vestuário e crescente sua presença no cenário internacional.

Uma visão global dessa questão mostra que os grupos de cadeias de produção da agricultura apresentam distintas proporções de transformação agroindustrial nas suas exportações, tais como: suínos e aves -98,0% de produtos básicos em 1997 e 96,9% em 2004-, pecuária bovínica - 64,1% de produtos manufaturados em 1997 para 40,1% em 2004-, café e estimulantes - 83,2% de produtos básicos em 1997 para 74,3% em 2004-, cana e sacarídeos - 43,2% de produtos manufaturados em 1997 para 52,2% em 2004, frutas processadas - 99,3% de produtos manufaturados em 1997 para 99,4% em 2004-, produtos florestais - 56,8% de manufaturados em 1997 para 61,0% em 2004 e o segmento de alta tecnologia representado pela agroindústria brasileira de bens de capital e insumos, que desenvolveu importante núcleo endógeno gerador de inovações adaptadas à agricultura tropical, com praticamente toda sua exportação (99,8%) representada por manufaturas (**Tabela 4**). Em síntese, ainda que composta de segmentos com produções de elevado conteúdo tecnológico sem o que não teriam quaisquer chances no mercado internacional, em termos de agregação de valor, há um vasto caminho a ser percorrido pela agricultura brasileira no sentido da elevação do grau de

transformação agroindustrial no caso das matérias-primas. Um trajeto ainda mais longo a trilhar para desenvolver toda a potencialidade da agricultura na economia continental brasileira, consiste na constituição de estruturas de produção de vegetais “*in natura*” diferenciados pela qualidade e com alto valor unitário. Estes sim intensivos em trabalho embora intensivos em terra, sendo alicerces estratégicos da geração de renda com melhor padrão distributivo e de maior nível de emprego no campo.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise das exportações da agricultura brasileira no período 1997-2004 evidencia o amplo espaço para agregação de valor pelo incremento da transformação agroindustrial, obviamente processo que não será ensejado com base em decisões unilaterais das autoridades e do empresariado brasileiros, na medida em que a atual estrutura das vendas externas dos agronegócios nacionais está definida também em função de interesses estruturados nos países importadores dos produtos de nossa agricultura. Tem-se nítido que esse incremento no perfil de transformação agroindustrial vendendo no exterior produtos com maior valor agregado exige inovação tecnológica de produtos e processos. Entretanto, é necessária a distinção entre conteúdo tecnológico e transformação agroindustrial na visualização do desempenho da agricultura exportadora, para não se chegar à conclusão sem lastro na realidade de que as exportações da agricultura brasileira teriam a característica de baixo conteúdo tecnológico. Essa conclusão pode ser válida para a indústria, até mesmo para segmentos da agroindústria, mas impingi-la à agricultura e ao conjunto das exportações brasileiras nas quais preponderam as vendas dos agronegócios, significa não contemplar toda a magnitude do dinamismo do principal setor da economia brasileira o qual, inclusive, não seria superavitário se a realidade empírica fosse a de baixo conteúdo tecnológico como exploração intensiva em recursos naturais e em trabalho, quando esta se revela intensiva em conhecimento. A busca de maior agregação de valor às exportações da agricultura consiste numa necessidade estratégica para a multiplicação da renda e do emprego na economia nacional, daí a relevância de se impulsionar os níveis de transformação agroindustrial inserida nos produtos, sempre tendo em conta o perfil da demanda derivada dos interesses dos importadores.

Ao se destacar o desempenho das exportações particularizando os grupos de cadeias de produção dos agronegócios se verifica com maior profundidade essa questão. Tomando como base o principal grupo de cadeias de produção das exportações brasileiras representado pelos cereais, leguminosas e oleaginosas, no que se destaca a soja, verifica-se a preponderância inequívoca dos produtos básicos vinculados à característica de baixo valor unitário. Os níveis de agregação de valor pela transformação agroindustrial são reduzidos nesses produtos básicos, cuja representatividade se mantêm elevada no período 1997-2004. Em contraponto, veja-se o exemplo das frutas frescas, que na sua totalidade correspondem a produtos básicos, pois nem mesmo se aplica no caso o conceito de manufatura, em que a expansão de estruturas produtivas com elevada qualidade intrínseca e extrínseca, leva à produção de produtos básicos, mas com elevada diferenciação, obtendo alto valor unitário. Ambos os grupos de cadeias de produção representam exportações de produtos básicos sob a ótica da manufatura, mas com elevado conteúdo tecnológico, sendo que nesses casos exige-se uma distinção da concepção de agregação de valor pelas especificidades inerentes a cada um deles.

Em outro exemplo de segmento de grupos de cadeias de produção dos agronegócios, tem-se o caso dos têxteis vegetais, onde predominam nas exportações brasileiras os produtos manufaturados, preponderantes ainda que as exportações de algodão em pluma tenha crescido no período recente. Isso decorre da elevada intensidade da modernização da agroindústria de tecidos, confecções e vestuário brasileiras, que não apenas amplia sua presença externas

saindo de uma realidade de *déficit* das suas transações para o exterior em 1997 para uma situação de *superávit* em 2004. Observando-se os grupos de cadeias de produção dos agronegócios, visualiza-se desde segmentos com a totalidade de suas vendas externas com base em manufaturas, como os bens de capital e insumos – nem poderia deixar de ser dessa forma, uma vez que se trata de inovação tecnológica de ponta, principalmente da agroindústria de máquinas e implementos agropecuários implantada no Brasil -, até outros que poderiam apresentar níveis mais avançados de transformação agroindustrial, como o de suínos e aves, mas que evoluíram pouco nesse sentido, preponderando os produtos básicos, passando por níveis intermediários, como a pecuária bovina e os produtos florestais. Em síntese, numa agricultura em que a intensidade das inovações tecnológicas nos processos de produção para exportação mostra-se elevada, há ainda muito espaço a ser percorrido na agregação de valor pela transformação agroindustrial.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BELIK, Walter **Um estudo sobre o financiamento da política agroindustrial no Brasil (1965-87)**, IE/UNICAMP, Campinas, 1994. 58p.(Texto para Discussão N° 35).

BRANDÃO, Antonio Salazar Pessoa; REZENDE, Gervásio Castro de & MARQUES, Roberta Wanderley da Costa. **Crescimento agrícola no período 1999-2004, expansão da área plantada de soja e meio ambiente no Brasil**. IPEA. Rio de Janeiro. 2005 (Texto para Discussão n° 1062).

CANO, Wilson A Industrialização e o Desenvolvimento do Capitalismo Retardatário no Brasil (1880-1980) In: CANO, Wilson. **Reflexões Sobre o Brasil e a Nova (Des)ordem Internacional**, Campinas, Hucitec, 1993, p.15-21.

CYRILLO, Denise C. **O Papel dos Supermercados no Varejo de Alimentos**, São Paulo, FEA/USP, 1986. (Tese de Doutorado).

DE NEGRI, Fernanda **Conteúdo tecnológico do comércio exterior brasileiro: o papel das empresas estrangeiras**. IPEA. Brasília. 2005 (Texto para Discussão n° 1074).

FURTADO, Celso. **Formação econômica do Brasil**. São Paulo, Nacional, 1989. 291p.

GASQUES, José Garcia et al **Condicionantes da produtividade na agropecuária brasileira**. IPEA. Brasília. 2004 (Texto para Discussão n° 1017).

GONÇALVES, José Sidnei **Mudar para manter: pseudomorfose as agricultura brasileira**. Secretaria de Agricultura. São Paulo. 1999. 374 p.

GONÇALVES, José Sidnei. Organizações Estaduais de Pesquisa como Projeto Nacional: pesquisa local para competitividade global do agronegócio brasileiro. **Informações Econômicas** 32(1):79-99, 2002.

GONÇALVES, José S. Crise agrária no desenvolvimento capitalista: fugindo da aparência em busca da essência **Revista Informações Econômicas** 33 (11):61-87, 2003.



GONÇALVES, José S., VICENTE, José R. & SOUZA, Sueli A. M. Desempenho do Comércio Exterior Paulista em 2004: Agronegócios Garantem Superávit da Balança Comercial. **Revista Informações Econômicas** 35 (3): 57-62, 2005.

KAGEYAMA, Ângela Mudanças no trabalho rural no Brasil, 1992-2002. **Agricultura em São Paulo** 51(2):71-84. 2004

KAGEYAMA, Angela et al. O novo padrão agrícola brasileiro: do complexo rural aos complexos agroindustriais. In: DELGADO, Guilherme C.; GASQUES, José G.; VILLA VERDE, Carlos M. org. **Agricultura e política públicas**. Brasília, IPEA, 1990. p.113-224.

RANGEL, Ignácio **El Desarrollo Econômico en Brasil**, CEPAL, Santiago do Chile, 1954, 167p.

SOUZA, Sueli A. M., GONÇALVES, José S. & VICENTE, José R. Agronegócios Brasileiros no Mercado Internacional em 2004: Recordes dos Indicadores de Transações Comerciais. **Revista Informações Econômicas** 35 (3):44-50, 2005.

STADUTO, Jefferson Andronio Ramundo; SHIKIDA, Pery Francisco Assis & BACHA, Calos José Caetano. Alteração na composição da mão-de-obra assalariada na agropecuária brasileira. **Agricultura em São Paulo** 51(2):57-70. 2004